



A construção do psíquico, de Ribot a Freud

The construction of the psychism, from Ribot to Freud

Claudio Eduardo Rubin^[a], Francisco Verardi Bocca^[b]

^[a] Psicanalista, doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPGF/PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: claudiorubin2005@yahoo.com.br

^[b] Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor titular do curso e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: francisco.bocca@pucpr.br

Resumo

Este artigo apresenta considerações sobre possíveis influências teóricas de Theodule A. Ribot sobre S. Freud por ocasião de suas formulações teóricas iniciais sobre o psiquismo. Influências a partir de noções como memória e consciência, mas especialmente de cerebração inconsciente. Essas serão investigadas especialmente nas obras *Les maladies de la mémoire* (1881 [1906]) e *Projeto de psicologia* (1895), respectivamente. Destacamos que essa influência (bem como esse importante período de elaboração da noção de psíquico) se deu pela contribuição e mediação de J. M. Charcot, tal como apresentada em *Leçons sur les maladies du système nerveux faites a la Salpêtrière – Tome III* (1887), dedicada à abordagem da histeria psíquica/ideativa. Apresentaremos as duas primeiras obras (mantendo a terceira como referência) destacando o que entendemos como influências, heranças e inclusive divergências entre os autores, mas especialmente destacando uma linha de continuidade entre eles, para a qual Charcot teve papel fundamental. Esperamos que nossa pesquisa proporcione melhor esclarecimento sobre o estatuto inicial do psiquismo

concebido por Freud bem como sobre a emergência de uma explicação alternativa que propiciou a introdução de uma instância psíquica inconsciente tal como a conhecemos.

Palavras-chave: Ribot. Freud. Charcot. Psiquismo. Memória e cerebração inconsciente.

Abstract

*This article presents considerations about possible theoretical influences of Theodule A. Ribot on S. Freud on the occasion of his initial theoretical formulations on the psychism. Influences from concepts such as memory and consciousness, but especially from unconscious cerebration. They will be investigated especially in the works *Les Maladies de la mémoire* (1881 [1906]) and *Projeto de Psicologia* (1895), respectively. We emphasize that this influence (as well as this important period of development of the concept of psychism) was due to the contribution and mediation of J. M. Charcot, as shown in *Leçons sur les maladies du système nerveux faites à la Salpêtrière - Tome III* (1887), dedicated to the psychic/ideational hysteria approach. We will present the first two works (keeping the third as reference) highlighting what we understand as influences, inheritances and even divergences among the authors, but especially highlighting a line of continuity among them, to which Charcot had a key role. We hope that our research provides further clarification on the initial statute of the psychism conceived by Freud as well as on the emergence of an alternative explanation that propitiated the introduction of an unconscious psychical instance as we know it.*

Keywords: Ribot. Freud. Charcot. Psychism. Unconscious cerebration and memory.

Introdução

“No lo había escrito,
porque lo pensado una sola vez
ya no podía borrársele.”

(Jorge Luis Borges, *Funes el Memorioso*)

Começamos por lembrar que, a partir das teorizações de Charcot (1825-1893) sobre a modalidade de histeria psíquica/ideativa, iniciadas entre 1883-1884, algo que não se encontrava presente nas teorias do *Salpêtrière* foi introduzido para fins de sua explicação. Trata-se da consideração de um traço diferencial que consistia na obnubilação do eu por meio de um *choc* emocional, seguido da cisão da consciência. Deste *choc* e desta cisão, ideias surgidas durante o momento de entorpecimento do eu passariam a habitar uma consciência segunda ou “eu inconsciente”, segundo Charcot. Lembramos isso porque pretendemos mostrar que suas importantes referências ao eu e às vicissitudes da consciência ligadas à histeria psíquica/ideativa e à hipnose provieram em grande parte das obras de Ribot (1839-1916), influência que se deu, sobretudo, em relação ao que de forma genérica se denominava na época como *inconsciente cerebral* ou *cerebração inconsciente* (ambas expressões utilizadas por Charcot). Tal fato pode ser verificado e confirmado pela leitura de *Les Maladies de la mémoire*, obra que compunha uma trilogia que Ribot completou com *Les Maladies de la volonté*, de 1882, e *Les Maladies de la personnalité*, de 1885.

Some-se a esse o fato histórico de que as primeiras teorizações de Freud (1856-1939) sobre histeria e hipnose junto a Charcot ocorreram justamente na época em que este tomou conhecimento e utilizou as teses de Ribot. Por essa via, algumas de suas teses sobre consciência e memória, dentre outras, foram transmitidas e instrumentalizadas na formação e na produção teórica de Freud. Por conta disso, indicamos que tanto *Maladies* como o *Projeto* fizeram parte de um empreendimento mais geral, desenvolvido no âmbito da neurologia da segunda metade do século XIX, como dissemos, sob a égide da noção de inconsciente cerebral ou cerebração inconsciente.

De um modo mais amplo ainda, alicerçada na teoria do *arco reflexo*, a cerebração inconsciente tornou-se, na época, uma das vias de revisão e crítica da natureza e da função da consciência na atividade psíquica, assim como propiciou o surgimento de uma explicação de determinados fenômenos que incluía aspectos inconscientes, trilha que fora percorrida por Ribot na tentativa de fundamentar uma psicofisiologia, ou

uma psicologia, sem metafísica¹ — ponto de vista também adotado por Freud, desde o período que antecedeu a formulação da noção de inconsciente mais tarde apresentada na *Interpretação dos sonhos*.

Por conta disso, sugerimos que suas pesquisas se realizaram e se seguiram a partir da recepção da noção de inconsciente cerebral, que proporcionou, do ponto de vista da neurologia e da neuropatologia da segunda metade do século XIX, uma forma diferenciada de explicar o funcionamento do cérebro e, em adição, contribuiu para revisões profícuas na abordagem e compreensão do psíquico em geral. Sobre isso, afirma Gauchet (1994, p. 21):

É bem conhecido o inconsciente filosófico, derivado no essencial do romantismo alemão e sustentado por Schopenhauer, Hartmann e Nietzsche. Se localiza em uma posição destacada em todas as genealogias do pensamento psicanalítico. E provavelmente se sobrestimou sua influência em relação com os outros dois inconscientes, de menor prestígio cultural, mas cujo impacto é muito mais direto: o inconsciente hereditário, sobre o que atraiu a atenção o interesse despertado recentemente pelo darwinismo social e a psicologia de massas, e o inconsciente neurológico, o inconsciente cerebral, cujo papel tem permanecido, por sua parte, longo tempo na sombra.

Posta a questão geral deste artigo, a seguir apresentaremos, em primeiro lugar, as considerações de Ribot em *Les maladies de la mémoire*, principalmente as do primeiro capítulo, priorizando a função memória e a consciência. Depois, apresentaremos as considerações sobre os mesmos temas apresentados por Freud no *Projeto de uma psicologia*. Para encerrar, faremos considerações sobre alguns pontos que aproximam, distanciam e mostram influência do primeiro sobre o segundo, sempre mediados por Charcot, como dissemos anteriormente.

¹ Ainda a respeito do inconsciente cerebral, Gauchet (1994, p. 30) declara: “Da mesma maneira, a evidência do funcionamento reflexo do sistema cérebro-espinhal em seu conjunto não diz nada sobre o conteúdo desta inconsciência que obriga a postular. Porém, cria as condições para um pensamento em ruptura com a primazia clássica da consciência. Dilata as proporções da esfera psíquica colocando simultaneamente as bases para sua diferenciação interna e modificando a forma de inserir nela o corpo. Descentra a arquitetura das condutas e, ao fazer isto, abre a possibilidade do começo de outra leitura de seu encadeamento”.

Memória e consciência em Ribot

A abordagem do tema da memória e da consciência em *Les maladies de la mémoire* se dá no campo de uma explicação ao mesmo tempo fisiológica e psicológica que visa a estabelecer suas leis de funcionamento. Para isso, Ribot recorreu à descrição de diferentes patologias como amnésia, afasia e hipertermnia. A tese reitora da obra foi anunciada já no início do primeiro capítulo, nestes termos: “la mémoire est, par essence, un fait biologique; par accident, un fait psychologique” (RIBOT, 1906, p. 1)². Como se vê, Ribot a compreendeu a partir de uma fisiologia e de uma psicologia e, ao mesmo tempo, às voltas com as patologias. Quanto às leis que regem a memória, Ribot afirmou:

Aussi bien, dans notre sujet, il ne faut jamais perdre de vue que nous avons affaire à des lois vitales, non à des lois physiques, et que les bases de la mémoire doivent être cherchées dans les propriétés de la matière organisée, non ailleurs (RIBOT, 1906, p. 4)³.

A construção da noção de memória compreendeu ainda três aspectos: a conservação de certos estados, sua reprodução e sua localização no passado. Enquanto os dois primeiros foram concebidos como aspectos estáveis da função, o terceiro apresentou uma natureza instável, isto é, a de alternar a presença com sua ausência, portanto relacionada com a consciência. Importante considerar que a consciência não seria, nesta perspectiva, mais do que o acompanhamento ocasional de certos processos nervosos sendo “aussi incapable de réagir sur eux que l’ombre sur les pas du voyageur qu’elle accompagne [...]” (RIBOT, 1906, p. 3)⁴.

Como se vê, o estatuto que Ribot concebeu à memória estabeleceu uma relação de exterioridade ou ainda de independência em relação à consciência. Assim explicitou:

² Tradução dos autores: “a memória é, por essência, um fato biológico; por acidente, um fato psicológico”.

³ Tradução dos autores: “Também, em nosso assunto, não deveria perder-se nunca de vista que nós temos que lidar com leis vitais, não com leis físicas, e que as bases da memória devem ser procuradas nas propriedades da matéria organizada, não em outro lugar”.

⁴ Tradução dos autores: “tão incapaz de reagir sobre eles como a sombra sobre os passos do viajante que ela acompanha”.

[...] réduisons le problème à ses données les plus simples, et voyons comment, en dehors de toute conscience, un état nouveau s'implante dans l'organisme, se conserve et se reproduit: en d'autres termes, comment, en dehors de toute conscience, se forme une mémoire» (RIBOT, 1906, p. 3)⁵.

Desta forma, a memória foi concebida como um fato orgânico, literalmente descrita como “memória orgânica”, fato que Ribot reconheceu como sendo o “coeur de la question” (RIBOT, 1906, p. 5), cujo modelo primitivo parte das propriedades de conservação e reprodução automática de todo tecido muscular presentes no reino animal. De fato, ele transpôs esse esquema geral ao tecido mais elevado do organismo, o tecido nervoso, onde também se encontram presentes as propriedades de conservação e reprodução, reunidas na noção de reflexo.

Porém, Ribot não restringiu seu interesse de pesquisa exclusivamente ao mecanismo reflexo em si; compartilhou com o que Hartley denominou *ações automáticas secundárias* ou movimentos adquiridos, em oposição aos *movimentos primitivos automáticos* ou inatos:

Ces actions automatiques secondaires, ou mouvements acquis, sont le fond même de notre vie journalière. Ainsi, la locomotion, qui chez beaucoup d'espèces inférieures est un pouvoir inné, doit être acquise chez l'homme, en particulier ce pouvoir de coordination qui maintient l'équilibre du corps à chaque pas, par la combinaison des impressions tactiles et visuelles (RIBOT, 1906, p. 6)⁶.

De fato, as ações automáticas secundárias derivam da formação de associações a partir da matéria-prima fornecida pelos reflexos primitivos, operações que combinam alguns elementos e excluem-se outros, tendo em vista uma progressiva e contínua coordenação dos movimentos corporais. A fixação dos movimentos úteis e que serão preservados

⁵ Tradução dos autores: “[...] reduzimos o problema a seus dados mais simples, e vemos como, para fora de toda consciência, um estado novo se implanta no organismo, se conserva e se reproduz, em outros termos, como, para fora de toda consciência se forma uma memória”.

⁶ Tradução dos autores: “Estas ações automáticas secundárias ou movimentos adquiridos, são o fundo mesmo de nossa vida diária. Assim, a locomoção, que para muitas espécies inferiores é um poder inato, deve ser adquirido no homem, em particular este poder de coordenação que mantém o equilíbrio do corpo a cada passo, pela combinação das impressões táteis e visuais”.

é alcançada pela sua reiteração. Ribot definiu então a memória desta perspectiva: “Il se forme dans les éléments nerveux correspondant aux organes moteurs des associations dynamiques, secondaires, plus ou moins stables (c’est-à-dire une mémoire), qui s’ajoutent aux associations anatomiques, primitives et permanentes” (RIBOT, 1906, p. 7)⁷.

Em acréscimo, pode-se dizer que a memória orgânica, constituída pelas ações automáticas secundárias, assemelha-se no todo à memória psicológica menos em um aspecto: a ausência da consciência, o que permite supor, segundo Ribot, que “la ressemblance parfaite des deux mémoires apparaîtra d’elle-même” (RIBOT, 1906, p. 7)⁸. Como admitiu, a memória orgânica tem o mesmo nível estrutural de organização que a memória psicológica, o que justificou comparando uma série de movimentos associados a uma frase ou uma ária musical. É também idêntico o desempenho no que se refere à aquisição, conservação e reprodução; diferenciou-as apenas pela presença ou ausência de consciência. Dessa forma, a consciência foi considerada como um agregado: “Il semble ici que la conscience se charge elle-même de nous montrer son rôle, de le réduire à sa valeur et, par ses brusques absences, de bien faire voir qu’elle est dans le mécanisme de la mémoire un élément surajouté” (RIBOT, 1906, p. 9)⁹.

Uma vez definidas as características das duas memórias, Ribot abordou a questão da localização delas, reafirmando a orientação positivista de sua pesquisa, recorrendo à *action nerveuse* para sustentar suas hipóteses. Rejeitando a possibilidade de que toda lembrança ou recordação resida na alma (expressão vaga, segundo ele) considerou que “il est fixé à son lieu de naissance, dans une partie du système nerveux” (RIBOT, 1906, p. 11)¹⁰. As condições fisiológicas para tal localização seriam: “1^o Une modification particulière imprimée aux éléments nerveux; 2^o Une association, une connexion particulière établie entre

⁷ Tradução dos autores: “ela se forma nos elementos nervosos correspondentes aos órgãos motrizes das associações dinâmicas secundárias, mais ou menos estáveis (isto é uma memória) que se acrescentam às associações anatómicas, primitivas e permanentes.”

⁸ Tradução dos autores: “a semelhança perfeita das duas memórias aparecerá dela mesma”.

⁹ Tradução dos autores: “Parece aqui que a consciência encarrega-se ela mesma de nos mostrar seu papel, de lhe reduzir a seu valor e, por suas bruscas ausências, mostrar bem que ela é no mecanismo da memória um elemento adicionado”.

¹⁰ Tradução dos autores: “ela é fixada ao seu lugar de nascimento, em uma parte do sistema nervoso”.

un certain nombre de ces éléments” (RIBOT, 1906, p. 11)¹¹. Em relação à primeira condição fisiológica, Ribot, seguindo Maudsley, considerou duas possibilidades. Primeiro, que uma vez impressionadas as células nervosas retornem a seu equilíbrio original. Segundo, à qual se posicionou favorável, que seja propriedade da célula nervosa receber, armazenar e reagir. Apresentam assim a aptidão para uma *diferenciação* que permite distinguir estas células das demais.

Essa faculdade de diferenciação foi justificada por Ribot a partir de um rearranjo no nível molecular, o qual propicia um funcionamento diferente do estado primitivo que o antecedeu. É verdade que essa modificação — só demonstrada pelo raciocínio e que, por isso, tem valor especulativo — não pode ser confirmada por meio de microscópio, de reagentes, pela histologia, nem mesmo pela *histochimie*. Sobre a segunda condição fisiológica, a da associação, sustentou-a a partir da consideração de que ideias e percepções operam como uma linguagem, ou seja, operam a partir de numerosos elementos heterogêneos, atingindo associações complexas.

Na construção desse ponto de vista, Ribot se opôs à tese corrente, tal como a do modelo cerebral proposto por Meynert, de que em cada célula cerebral se encontra impresso um registro e que ela teria “le monopole de sa conservation et de sa reproduction” (RIBOT, 1906, p. 15)¹². Para ele, a memória orgânica implica não somente uma modificação dos elementos nervosos, senão também “la formation entre eux d’associations déterminées pour chaque événement particulier, l’établissement de certaines associations dynamiques qui, par la répétition, deviennent aussi stables que les connexions anatomiques primitives” (RIBOT, 1906, p. 16)¹³.

Segundo Ribot, as células nervosas encarregadas dessas tarefas poderiam ser concebidas de duas maneiras: como sendo capazes de conservar várias modificações diferentes ou conservando intata a primeira

¹¹ Tradução dos autores: “1) Uma modificação particular impressa aos elementos nervosos; 2) Uma associação, uma conexão particular estabelecida entre um certo número desses elementos”.

¹² Tradução dos autores: “monopólio de sua conservação e de sua reprodução”.

¹³ Tradução dos autores: “a formação entre eles de associações determinadas para cada evento particular, o estabelecimento de certas associações dinâmicas que, pela repetição, devem tão estáveis como as conexões anatômicas primitivas”.

modificação. Mesmo aceitando esta última possibilidade da conservação da impressão (desfavorável para explicar operações complexas), ele reconheceu como exigência a combinação de tais células de modificação única, para produzir resultados diferentes, ressaltando o fator da relação e combinação. Utilizou uma metáfora (que alguns anos mais tarde reapareceu no texto de Freud de 1891, dedicado ao estudo das afasias): “On peut comparer la cellule modifiée à une lettre de l’alphabet; cette lettre, tout en restant la même, a concouru à former des millions de mots dans les langues vivantes ou mortes” (RIBOT, 1906, p. 17)¹⁴.

Ora, assim como no caso das letras do alfabeto, as impressões organizadas de uma forma particular permitem determinadas ações, mas adicionalmente podem servir a outras ações, entrando em outras combinações. Isso, como afirmou Ribot, ao “concourir à former une autre mémoire” (RIBOT, 1906, p. 18)¹⁵. Nesse caso, diferentes combinações gerariam sempre diferentes memórias. Nessa perspectiva, como que antecipando Freud, conclui que uma memória não é uma coleção de marcas (*empreintes*) senão “un ensemble d’associations dynamiques très stables et très prompts à s’éveiller” (RIBOT, 1906, p. 20)¹⁶. Ora, sobre isso resta perguntar: qual seria então o conteúdo das impressões passíveis de combinação? Respondendo, particularmente em relação à memória orgânica, Ribot, citando Maudsley, reconheceu a presença de resíduos provenientes das reações motoras nos centros nervosos. Esses resíduos teriam a capacidade de organizar-se após uma insistente repetição, podendo atuar em determinadas circunstâncias de forma automática, sem depender de seus movimentos originários¹⁷. Ainda no primeiro capítulo, Ribot abordou o tipo de memória que se encontra acompanhada de fatos de consciência, aquela que, na língua corrente e no entendimento dos psicólogos, é “considère comme la mémoire tout entière” (RIBOT, 1906, p. 21)¹⁸.

¹⁴ Tradução dos autores: “Nós podemos comparar a célula modificada a uma letra do alfabeto; esta letra, enquanto permanecendo a mesma, tem contribuído para formar milhões de palavras nas línguas vivas ou mortas”.

¹⁵ Tradução dos autores: “fazer parte de outra memória”.

¹⁶ Tradução dos autores: “um conjunto de associações dinâmicas muito estáveis e prestes a se revelar”.

¹⁷ Citação na íntegra: “Quand nous disons: une trace, un vestige ou un résidu, tout ce que nous voulons dire c’est qu’il reste dans l’élément organisme un certain effet, un quelque chose qu’il retient et qui le prédispose à fonctionner de nouveau de la même manière” (MAUDSLEY, 1879, p. 233, 252 apud RIBOT, 1906, p. 12).

¹⁸ Tradução dos autores: “considerada como a memória integral”.

Como se vê, Ribot não descurou da relação entre a consciência e o inconsciente, este impregnado, como reconheceu, de uma *obscuridade natural* ou de um *misticismo artificial*. Tratou desta questão dentro do marco do positivismo comteano: “Il est bien évident d’abord que nous n’avons pas à nous occuper de la métaphysique de l’inconscient, telle que Hartmann ou tout autre l’ont comprise” (RIBOT, 1906, p. 21)¹⁹.

A partir deste ponto de vista a natureza e o estatuto tanto da consciência como do inconsciente foram estabelecidos no registro do funcionamento do sistema nervoso. Nessa perspectiva, Ribot abordou as condições de existência de ambos estados a partir do que os fisiologistas denominavam *descarga nervosa*, afirmando que a maioria dos estados nervosos não nasce na consciência, ou ainda, que ela contribui de forma esporádica e indireta. Os estados nervosos seriam processos nos quais a consciência aparece de maneira intermitente, sendo conscientes no início da vida e, mais tarde, na vida adulta, poderiam estar fora dela. Dessa forma, a atividade nervosa foi concebida como mais extensa do que a atividade psíquica-consciente, pois:

Toute action psychique suppose une action nerveuse, mais la réciproque n’est pas vraie. Entre l’activité nerveuse qui n’est jamais (ou presque jamais) accompagnée de conscience et l’activité nerveuse qui l’est toujours (ou presque toujours), il y a celle qui l’est quelquefois. C’est dans ce groupe de faits qu’il faut étudier l’inconscient (RIBOT, 1906, p. 22)²⁰.

Ainda em relação à consciência, Ribot determinou duas condições para sua ocorrência: intensidade e duração. A intensidade seria sua característica variável, já que os estados de consciência pugnam por se suplantarem uns aos outros dependendo da maior força de uns sobre os outros. Esta tese procede, segundo reconhece Ribot, de Herbart.

¹⁹ Tradução dos autores: É evidente, em princípio, que nós não nos ocupamos da metafísica do inconsciente, tal como Hartmann ou outros que o tenham incluído. Nós começaremos mesmo por declarar que nós não vamos de maneira alguma explicar a passagem do inconsciente à consciência. Podem ser feitas muitas hipóteses engenhosas, plausíveis; nada mais. Além disso, a psicologia como a ciência de fatos não tem que se inquietar. Ela leva os estados de consciência a título de dados, sem se ocupar de sua gênese. Tudo aquilo que ela pode fazer é determinar algumas de suas condições de existência”.

²⁰ Tradução dos autores: “toda ação psíquica supõe uma ação nervosa, mas o recíproco não é verdade. Entre a atividade nervosa que nunca (ou quase nunca) é acompanhada de consciência e a atividade nervosa que é sempre (ou quase sempre) há aquela que é algumas vezes. É nesse grupo de fatos que é necessário estudar o inconsciente”.

A segunda condição, a duração, foi indicada como necessária à consciência, entendendo que “ceci posé, il est clair que toute action nerveuse dont la durée est inférieure à celle que requiert l’action psychique, ne peut éveiller la conscience” (RIBOT, 1906, p. 23)²¹.

Dessa forma, em harmonia com Ribot podemos dizer que, quando a consciência é concebida como uma essência, como uma propriedade fundamental da alma, tudo devém obscuro e a hipótese do inconsciente se torna ainda mais vaga e contraditória. Se, ao contrário, for concebida como um fenômeno com suas próprias condições de existência, como procedeu Ribot, tudo devém claro e o inconsciente não apresenta mais mistérios. Isso porque o estado de consciência passa a ter um lugar reconhecido como um acontecimento complexo que supõe um estado particular do sistema nervoso, parte integrante de algo que tem ocorrência em algum momento ou parte do processo. Ao definir o papel da consciência, Ribot (1906, p. 25)²² afirmou que “la cérébration inconsciente fait son œuvre sans bruit, met de l’ordre dans les idées obscures”.

Dessa forma, o sistema nervoso foi pensado como atravessado por contínuas descargas, umas que respondem às ações vitais e outras, em quantidade menor, que respondem à sucessão de estados de consciência. Pensado assim, o encéfalo foi concebido como um laboratório pleno de movimento no qual uma infinidade de operações ocorre simultaneamente. Uma característica peculiar desses processos ligados à cerebração inconsciente é que não se encontram condicionados ao tempo e ao espaço, já que ocorrem de forma simultânea em diferentes partes do sistema, de modo que a consciência pode ser visualizada à maneira de um *guichê* no qual se apresenta não mais do que uma pequena parte de todas as operações realizadas no sistema nervoso.

Já em relação à organização dos conteúdos da memória, reconheceu que as associações dinâmicas de elementos nervosos desempenham um papel mais importante na memória psicológica (da consciência) do que na memória orgânica. As lembranças que se apresentam na consciência encontram-se ordenadas em série mais ou menos extensas

²¹ Tradução dos autores: “assim posto, está claro que toda ação nervosa na qual a duração é inferior ao que requer uma ação psíquica, não pode despertar a consciência”.

²² Tradução dos autores: “a cerebração inconsciente faz seu trabalho sem barulho, coloca ordem nas ideias obscuras”.

e são explicadas pelas leis de associação entre os estados de consciência. Ribot procurou mostrar a complexidade que ela supõe. No cumprimento deste objetivo, advertiu que a aparente simplicidade atribuída à lembrança de um objeto qualquer é uma ilusão construída a partir da fisiologia, pois “la mémoire d’une pomme est nécessairement la forme affaiblie de la perception d’une pomme. Que suppose cette perception? Une modification de la rétine, terminaison nerveuse d’une structure si compliquée” (RIBOT, 1906, p. 29)²³.

Quer dizer que o julgamento das formas e atributos de uma percepção depende da requintada estrutura de nosso aparelho visual e de seu funcionamento, do qual nem sempre nos damos conta. Somou-se a isso um fator que amplia esse equívoco, a linguagem que nomeia objetos, que segundo entende reforça a ilusão da percepção visual como simples. Seja como for, as associações se produzem a partir da conservação e reprodução de estados de consciência, associando seus elementos dinâmicos e estáticos, em razão de sua quantidade e estabilidade. Uma segunda ilusão foi apontada a partir das teses de Stewart e, principalmente, de Taine, para quem “les actes d’imagination sont toujours accompagnés d’une croyance (au moins momentanée) à la existence réelle de l’objet qui les occupe” (TAINÉ apud RIBOT, 1906, p. 34)²⁴, tal como se apresenta nas alucinações, na vertigem e no sonho, ocorrendo em menor grau em todos os estados de consciência.

Pois bem, concebendo a função da memória como “la localisation dans le temps” (RIBOT, 1906, p. 33)²⁵, Ribot definiu-a como “une vision dans le temps” (RIBOT, 1906, p. 34)²⁶, levando em conta que de fato a memória implica o tempo. Descreveu na sequência o mecanismo que permite determinar a posição do registro no tempo, traçando um paralelo com a determinação da posição no espaço, a partir de um ponto fixo, a saber, o tempo presente. Considerou o tempo como uma linha

²³ Tradução dos autores: “a lembrança de uma maçã é necessariamente a forma debilitada da percepção de uma maçã. O que supõe esta percepção? Uma modificação da retina, terminação nervosa de uma estrutura complicada”.

²⁴ Tradução dos autores: “os atos de imaginação são todos acompanhados de uma crença (ao menos momentânea) da existência real do objeto que as ocupa”.

²⁵ Tradução dos autores: “a localização no tempo”.

²⁶ Tradução dos autores: “uma visão no tempo”.

composta de pontos que são passíveis de serem revisitados para trás e para frente, uma vez que “l’image voyage avec divers glissements en avant, en arriéré sur la ligne du passé” (RIBOT, 1906, p. 37)²⁷. Isso tendo como referência um estado de consciência no presente, um ponto de referência associado a um estado de consciência. Além disso, a evocação insistente desse ponto devém automática, à maneira de um hábito.

Assim, por um lado encontram-se os fatos que são lembrados como simples reprodução do passado, por outro lado, a modificação impressa no sistema nervoso persiste e dá lugar a estados de consciência reassociados e reconstituídos em novas séries. A memória consiste então em um processo de organização em graus variáveis compreendido entre dois extremos: o estado novo e o registro (à maneira de inscrição) orgânico. Tal organização encontrou no evolucionismo seu contexto teórico:

Il n’y a pas de forme de l’activité mentale qui témoigne plus hautement en faveur de la théorie de l’évolution. De ce point de vue, et de celui-là seul, on comprend la nature de la mémoire; on comprend que son étude ne doit pas être seulement une physiologie, mais encore plus une morphologie, c’est-à-dire une histoire de ses transformations (RIBOT, 1906, p. 47)²⁸.

Até mesmo o advento de novas aquisições (por exemplo, um idioma) foi retirado progressivamente da esfera psicológica para se aproximar da orgânica, indicando igualmente a passagem do âmbito consciente a outro inconsciente. Sua perspectiva evolucionista descreveu também uma espécie de passagem de uma ontogênese a uma filogênese:

Peut-on aller encore plus loin? On le pourrait. Au dessous des réflexes composés qui représentent la mémoire organique à son plus bas terme, il y a les réflexes simples. On peut admettre que ces réflexes, qui résultent

²⁷ Tradução dos autores: “a imagem viaja com diversos deslizamentos para a frente, para atrás sobre a linha do passado”.

²⁸ Tradução dos autores: “Não há nenhuma forma da atividade mental que testemunha mais altamente em favor da teoria de evolução. Deste ponto de vista, e só, dele, nós entendemos a natureza da memória; nós entendemos que seu estudo não deve ser só uma fisiologia, mas ainda mais uma morfologia que é uma história de suas transformações”.

d'une disposition anatomique innée, ont été eux-mêmes acquis et fixés par des expériences sans nombre dans l'évolution des espèces. On passerait ainsi de la mémoire individuelle à l'hérédité, qui est une *mémoire spécifique*. Il suffit d'indiquer cette hypothèse (RIBOT, 1906, p. 49)²⁹.

Ribot encerrou o primeiro capítulo da obra observando que a memória, tal como um fato biológico, tem ainda seu funcionamento adequado dependente da nutrição das células nervosas, da qual deriva de forma direta sua manutenção. Ela carece assim de um arranjo de novas moléculas formadas por novas células e que reproduzem de forma exata as características já existentes. Ofereceu um resumo desta tese:

En résumé, la mémoire est une fonction générale du système nerveux. Elle a pour base la propriété qu'ont les éléments de conserver une modification reçue et de former associations. Ces associations, résultat de l'expérience, nous les avons appelées dynamiques, pour le distinguer des associations naturelles ou anatomiques. La conservation est assurée para la nutrition, qui fixe sans cesse parce qu'elle renouvelle sans cesse. La puissance reproductive nous a paru dépendre surtout de la circulation. Conserver et reproduire : tout l'essentiel de la mémoire est ainsi rattaché aux conditions fondamentales de la vie. Le reste -conscience, localisation exacte des souvenirs dans le passé- n'est qu'un perfectionnement. La mémoire psychique n'est que la forme la plus haute et la plus complexe de la mémoire (RIBOT, 1906, p. 163)³⁰.

Para finalizar as considerações sobre Ribot, e de certa maneira já antecipando as do próximo tópico, recorreremos a uma citação presente em *Les maladies* que permite vislumbrar o alcance e o interesse de

²⁹ Tradução dos autores: "Podemos ir além? Certamente. Abaixo dos reflexos compostos que representam a memória orgânica nos seus termos mais primários, há os reflexos simples. Pode-se admitir que estes reflexos, que resultam de uma disposição anatômica inata, são eles mesmos adquiridos e fixados pelas experiências numerosas na evolução das espécies. Se passaria ainda de uma memória individual para uma hereditária, que é uma memória específica. Basta indicar esta hipótese".

³⁰ Tradução dos autores: "Em resumo, a memória é uma função geral do sistema nervoso. Ela tem por base a propriedade que tem os elementos para conservar uma modificação recebida e de formar associações. Estas associações, resultado da experiência, nós as denominamos dinâmicas para distingui-las das associações naturais ou anatômicas. A conservação está assegurada pela nutrição, que fixa sem cessar porque se renova incessantemente. A potência reprodutiva parece depender sobretudo da circulação. Conservar e reproduzir: tudo o essencial da memória é assim ligado às condições fundamentais da vida. O resto – consciência, localização exata das lembranças no passado, é um aperfeiçoamento. A memória psíquica é a forma mais alta e complexa da memória".

sua pesquisa, além de reconhecer um dos objetivos que Freud compartilhou com ele:

Nous commencerons même par déclarer que nous ne voyons aucune manière d'expliquer le passage de l'inconscient à la conscience. On peut faire là-dessus des hypothèses ingénieuses, plausibles; rien de plus. D'ailleurs, la psychologie comme science de faits n'a pas à s'en inquiéter. Elle prend les états de conscience à titre de données, sans s'occuper de leur genèse. Tout ce qu'elle peut faire, c'est de déterminer quelques-unes de leurs conditions d'existence (RIBOT, 1906, p. 21)³¹.

Memória e consciência em Freud

Seu reconhecimento acerca da importância da memória, compartilhada com Ribot, foi declarada de forma taxativa nos seguintes termos: "Qualquier teoría psicológica atendible tiene que brindar una explicación de la 'memoria'" (FREUD, 2001, p. 343)³². É verdade que, no *Projeto*, Freud tratou de forma geral do funcionamento do psiquismo, não se limitando só a uma explicação da memória. No entanto, dada sua importância, à qual acrescentamos a consciência, será delas que destacaremos alguns pontos e questões que nos permitem estabelecer, como dito acima, relações de influência, aproximação e distanciamento de Ribot.

Pois bem, no *Projeto* encontramos o modelo de um aparelho psíquico composto por três tipos ou grupos de neurônios, produzindo uma forma não linear de funcionamento da memória, o que já antecipa um contraste em relação à "visão no tempo" proposta por Ribot. A isso voltaremos adiante. Nele, Freud apresentou um modelo de funcionamento do psiquismo baseado no pressuposto da presença de barreiras de contato neuronais. Apoiado na distinção funcional entre neurônios e no mecanismo de barreiras, Freud explicou a

³¹ Tradução dos autores: "Nós começaremos mesmo por declarar que não vamos de maneira alguma explicar a passagem do inconsciente à consciência. Podem se fazer hipóteses engenhosas, plausíveis; nada mais. Além disso, a psicologia como a ciência de fatos não tem que se inquietar com isto. Ela toma os estados de consciência a título de dados, sem se ocupar de sua gênese. Tudo aquilo que ela pode fazer, é determinar algumas de suas condições de existência".

³² Tradução dos autores: "Qualquier teoría psicológica atendível tem que oferecer uma explicação da 'memória'".

memória ainda a partir de uma propriedade do tecido nervoso, ou seja, de “una aptitud para ser alterado duraderamente por un proceso único” (FREUD, 2001, p. 343)³³. No entanto, um dos problemas iniciais para descrever o funcionamento da memória a partir da modificação de neurônios encontrava-se no fato de que parte deles deveria permanecer inalterada. Relevando essa dificuldade, Freud propôs a distinção de dois tipos ou grupos de neurônios: um permeável aos estímulos que nomeou ϕ (fi) e outro impermeável, que nomeou ψ (psi), que na verdade apresenta diversos graus de resistência.

Ambos os grupos de neurônios se encontram regulados pela função de facilitação (Bahnung) escalonada que permitiu a Freud postular um estatuto bem particular de memória. Ela seria “constituída por las facilitaciones existentes entre las neuronas ψ ” (FREUD, 2001, p. 344)³⁴. Porém, uma ressalva é feita, já que, se todos os neurônios apresentassem o mesmo grau de resistência, não resultariam em caracteres de memória. Desse ponto de vista, Freud concluiu que “la memoria está constituída por los distingos dentro de las facilitaciones entre las neuronas ψ ” (FREUD, 2001, p. 345)³⁵. Por consequência, a facilitação depende de dois fatores: magnitude de expressão e frequência de repetição. Avançou reconhecendo que, segundo esta arquitetura neuronal, “es preciso atribuir a toda neurona ψ , en general, varios caminos de conexión con otras neuronas; por tanto, varias barreras-contacto” (FREUD, 2001, p. 345)³⁶.

Continuando na montagem de sua teoria, agregou ainda outra característica ao sistema ψ , que produziu posteriormente diversos desdobramentos em suas teorizações sobre o inconsciente. Postulou que ele não teria contato direto com o mundo exterior, recebendo suas Q (quantidades), de um lado, mediado por uma parte dos neurônios ϕ (estes em contato direto com o mundo exterior), e, de outro lado, do interior do corpo. Disposta dessa maneira, o sistema de memória se

³³ Tradução dos autores: “uma aptidão para ser alterado duradouramente por um processo único”.

³⁴ Tradução dos autores: “constituída pelas facilitações existentes entre neurônios ψ ”.

³⁵ Tradução dos autores: “a memória está constituída pelas distinções dentro das facilitações entre os neurônios ψ ”.

³⁶ Tradução dos autores: “é preciso atribuir a todo neurônio ψ , em geral, vários caminhos de conexão com outros neurônios, portanto, várias barreiras-contato”.

encontraria em separado do sistema de percepção (este último foi definido como percepção-consciência³⁷) de modo que os estímulos do mundo exterior lhe chegassem por vias indiretas.

Outra questão abordada por Freud no *Projeto* foi quanto ao alinhamento do sistema percepção-consciência com os processos ψ , introduzindo considerações sobre a origem da qualidade em tais processos. Freud afirmou que o lembrar pertence de forma exclusiva ao sistema ψ e carece de qualidade, ou seja, a lembrança por si só não provoca uma qualidade-percepção.

A partir dessa consideração, e para equacioná-la, introduziu um terceiro conjunto de neurônios, denominou-o ω (ômega), responsável pelas sensações conscientes, por sua qualificação. Embora incapaz de receber quantidade, pode sim se apropriar do período de excitação, constituindo finalmente o fundamento da consciência. Com essa arquitetura do aparelho psíquico formado pelas três instâncias, Freud introduziu por consequência a hipótese de um limiar de excitação abaixo do qual não se produziria a consciência. Julgamos a apresentação dessas teses suficiente para nosso propósito.

Pois bem, nas considerações a seguir destacaremos a presença de algumas influências de Ribot na obra de Freud, cuja transmissão, como dissemos, foi mediada por Charcot. Porém, não descuramos dos riscos de tal aproximação, uma vez que, na ocasião da redação do *Projeto*, Freud se posicionava criticamente em relação a Charcot, particularmente em relação ao fundamento da etiologia da histeria baseada na hereditariedade.

Na verdade, partimos de uma constatação de que as pesquisas de Charcot, de Ribot e de Freud, às quais acrescentamos as de Bernheim

³⁷ Na parte VII do *Projeto*, dedicada ao problema da qualidade, Freud retomou algumas considerações sobre o estatuto da consciência tal como fez anteriormente no Prólogo a Bernheim: "Hemos abordado los procesos psíquicos como algo que podía prescindir de esta noticia por la conciencia, como algo que existe independientemente de una conciencia [...] la conciencia no nos proporciona una noticia completa ni confiable de los procesos neuronales. Y estos, em todo su radio, tienen que ser considerados em primer término como inconcientes, y lo mismo que otras cosas naturales, tienen que ser inferidos". Tradução dos autores: "Temos abordado os processos psíquicos como algo que poderia prescindir desta notícia pela consciência, como algo que existe independentemente de uma consciência [...] a consciência não nos proporciona uma notícia completa nem confiável dos processos neuronais; e estes em toda sua abrangência, tem que ser considerados em primeiro lugar como inconcientes, e o mesmo que outras coisas naturais, têm que ser inferidos" (FREUD, 2001, p. 352).

e Janet, entre outros, se desenvolveram em um solo comum, o da cerebração inconsciente. Sabe o leitor familiarizado com a história da psicanálise, que este solo, embora problemático, permitiu o fecundo debate que se desenvolveu através do tempo, por exemplo, em diferentes momentos entre Charcot e Bernheim, entre Freud e Charcot, entre Freud e Bernheim e ainda entre Freud e Janet.

Pois bem, por conta desse solo comum, ou desse conceito norteador, reconhecemos que na construção de suas noções de psiquismo, tanto em Ribot como em Freud, a natureza da memória foi concebida como material, além de que ambos secundarizaram o viés psicológico em sua fundamentação. No primeiro, tal como apontamos anteriormente, a tese principal de *Les maladies* indica a natureza biológica da memória. Na verdade, esse ponto de vista, acrescentemos agora, foi também anunciado por Freud em 1891, na *Monografia sobre as afasias*. Disse ele, na ocasião, que “es muy dudoso que este suceso fisiológico esté asociado de algún modo com algo psíquico. Nuestra conciencia no contiene nada que, desde el punto de vista psicológico, pueda justificar el término ‘imagen latente del recuerdo’” (FREUD, 1987, p. 71)³⁸.

De fato, em ambos autores encontramos presente a tese da preponderância dos fenômenos ligados à memória com pouca ou nenhuma intervenção da consciência. Nesse ponto, consideramos a teoria de Charcot sobre histeria e hipnose como uma espécie de intermediária que teria recebido, por um lado, a influência de Ribot e, por sua vez, tê-la-ia transmitido a Freud, que, por fim, estendeu as considerações sobre o inconsciente cerebral aos dois fenômenos. Dessa maneira, a noção de cerebração inconsciente se fez presente nos três autores, claro que mantendo as particularidades próprias de cada abordagem e aplicação. No entanto, encontramos tanto em Ribot quanto em Freud (até este momento) uma perspectiva explicativa da memória baseada eminentemente na fisiologia do cérebro. Ambos desenvolveram suas teses dentro do marco do que poderia se denominar uma psicofisiologia³⁹.

³⁸ Tradução dos autores: “É muito duvidoso que este evento fisiológico esteja associado de algum modo com algo psíquico. Nossa consciência não tem nada que, desde o ponto de vista psicológico, possa justificar o termo ‘imagem latente da lembrança’”.

³⁹ Sobre este conceito em Ribot, consultar: FREZZATTI Jr., 2010; e em Freud, consultar: ANDERSSON, 2000.

Esta identidade foi marcada pela recusa de ambos a qualquer recurso metafísico que pudesse operar como princípio reitor dos processos psíquicos. Em *Les maladies*, a intenção de evitar uma metafísica foi declarada, tal como visto, em vários trechos. Igualmente, no *Projeto* Freud declarou sua perspectiva: “El propósito de este proyecto es brindar una psicología de ciencia natural, a saber, presentar procesos psíquicos como estados cuantitativamente comandados de unas partes materiales comprobables, y hacerlo de modo que esos procesos se vuelvan intuitivos y exentos de contradicción” (FREUD, 2001, p. 339)⁴⁰.

A direção de trabalho de Ribot teve orientação ainda, como já dito, no quadro geral do evolucionismo, descrevendo de forma organizada a complexificação da memória, desde seus rudimentos até sua expressão mais elevada, num percurso de novas aquisições em termos de memória, transitando nas órbitas orgânica e psíquica.

Por sua vez, no *Projeto*, o horizonte da memória não se deu explicitamente numa complexificação em termos evolutivos (isto porque ela poderia ser pensada em termos da ramificação das vias associativas). No entanto, se a perspectiva evolucionista se encontra de forma declarada no texto de Ribot, no *Projeto* encontramos uma perspectiva de explicação darwinista, recorrendo ao conceito de seleção natural, na divisão de tarefa dos neurônios:

Provisionalmente consideremos al sistema Ψ identificado con la sustancia gris encefálica. Ahora, se comprende con facilidad, por las puntualizaciones biológicas introductorias, que justamente Ψ está sometido al ulterior desarrollo por multiplicación de neuronas y acumulación de cantidad, y también se entiende cuán adecuado al fin es que Ψ conste de neuronas impasaderas, pues de otro modo no podría cumplir los requerimientos de la acción específica. Pero, ¿por qué camino ha llegado Ψ a la propiedad de lo impasadero? Es que también ϕ tiene barreras-contacto; y si estas no desempeñan papel alguno, ¿por qué sí lo desempeñan las barreras-contacto de Ψ ? El supuesto de una diferencia originaria en la valencia de las barreras-contacto de ϕ y de Ψ tiene otra vez el incierto

⁴⁰ Tradução dos autores: “o propósito deste projeto é oferecer uma psicologia de ciência natural, a saber, apresentar os processos psíquicos como estados quantitativamente comandados por umas partes materiais comprováveis, e fazê-lo de modo que esses processos se voltem intuitivos e isentos de contradição”.

carácter de lo arbitrario, aunque ahora, siguiendo unas argumentaciones darwinistas, uno podría aducir que esas neuronas impasaderas son indispensables y por eso han sobrevivido (FREUD, 2001, p. 347-348)⁴¹.

Além disso, ambos autores reconheceram uma dinâmica produzida pela configuração das células nervosas baseada em associações. Em Ribot, a partir da tese das séries formadas pelos neurônios e em Freud pelos encadeamentos produzidos pelas facilitações. Mas também pela divisão do trabalho das células nervosas, embora de Ribot não chegaram a receber uma distinção precisa como de Freud. Reconhecemos que a adoção desse ponto de vista aproximou Freud de Ribot, além de marcar o distanciamento de ambos em relação a Meynert e da anatomia cerebral que ele sustentou. Tal fato pode ser confirmado em *Les maladies*, no qual Ribot faz referência aos 600 milhões de células nervosas que poderiam acolher impressões simples, como também em Freud, alguns anos mais tarde, na *Monografia das afasias*, servindo-se de um exemplo semelhante.

Destacaremos agora dois pontos que permitem indicar diferença significativa entre a abordagem e o entendimento da memória por parte de Ribot e de Freud. Como já apresentado aqui, o *Projeto* abrange amplo leque de questões, com intenção de explicar a constituição do psiquismo a partir da diferenciação de funcionamento de três tipos de neurônios agrupados como um sistema ou instâncias. Dele destacamos alguns aspectos ligados ao funcionamento e natureza da memória que permitem estabelecer um paralelo com *Les maladies* de Ribot. Se considerarmos uma das afirmações iniciais de Freud no *Projeto*, no sentido de que toda psicologia deveria explicar de que se trata a memória, essa

⁴¹ Tradução dos autores: "Provisionalmente consideremos ao sistema Ψ identificado com a substância cinzenta encefálica. Agora, se compreende com facilidade, pelas pontualizações biológicas introdutórias, que justamente Ψ está submetido ao ulterior desenvolvimento por multiplicação de neurônios e acumulação de quantidade, e também se infere quão adequado ao fim é que Ψ conste de neurônios intransponíveis, pois de outra maneira não poderia cumprir os requerimentos da ação específica. Mas, por que caminho chegou Ψ à propriedade do intransponível? Acontece que também ϕ tem barreiras-contato; e se estas não desempenham papel algum, por que se o desempenham as barreiras-contato de Ψ ? O suposto de uma diferença originária na valência das barreiras-contato de ϕ e de Ψ tem outra vez o incerto caráter do arbitrário, mesmo que agora, seguindo umas argumentações darwinistas, poderia se aduzir que esses neurônios intransponíveis são indispensáveis e por isso sobreviveram".

mesma afirmação serviria para pensar o próprio aparelho psíquico freudiano como um aparelho de memória, e que os fenômenos analisados nesse rascunho (sonhar, pensar e até o fenômeno histérico) pertenceriam, de forma direta ou indireta, à alçada da memória.

Assim, lembrar, evocar, sonhar, remetem à memória por um viés peculiar e original que se tornou um dos alicerces do empreendimento freudiano, a saber, a reedição de uma vivência de satisfação inaugural, de natureza alucinatória que, no entanto, sempre fracassa. É verdade que a orientação da memória visando ao reencontro de uma inicial vivência de satisfação imprimiu certa circularidade do aparelho psíquico. E isso se deve ao fato de que, quando de sua ocorrência, a criança ainda não dispõe de aparelho psíquico, que seria o suporte para captação dos primeiros traços mnêmicos. Assim, há aqui uma circularidade que se mantém problemática, pois a primeira vivência de satisfação deveria ter provocado, pela via do sulcamento do primeiro traço mnêmico, a própria montagem do aparelho psíquico, do qual ela depende para existir. De forma que o aparelho deriva de tal experiência, como também já é pressuposto para que ela ocorra em condições ideais. A despeito dessa dificuldade teórica, ela foi a via de entrada para a noção de desejo na teoria freudiana. De toda forma, a remissão contínua ao reencontro com uma experiência inicial de satisfação marcou de forma taxativa a direção da pesquisa freudiana em sua especulação teórica (metapsicológica) e clínica.

O segundo ponto se refere à disposição geográfica conferida à memória: em Ribot, uma forma linear, e em Freud, à maneira de uma malha ou trama. A concepção de Ribot da memória como “visão no tempo” permite a expectativa de uma evocação direta da lembrança uma vez que os conteúdos de memória se encontram dispostos de forma cronológica e podem ser percorridos para trás e para frente. A capacidade de lembrar se encontraria alicerçada nos pontos de referência, tal como vimos, ligado a um estado de consciência. Dessa forma, a maior parte das patologias ligadas à memória estudadas por Ribot em *Les maladies* (amnésia, desdobramento da personalidade, sonambulismo, falsa memória) apresentam como denominador comum uma perturbação nesta capacidade de transitar pela linha de tempo.

Já em Freud, a própria disposição dos estímulos apresenta maior complexidade organizacional. Assim, seu diferencial radica no formato de uma malha, na qual as representações se apresentam esporadicamente à consciência, inclusive sem ligação aparente com o restante dos pensamentos. Essa característica foi desenvolvida por Freud na segunda parte do *Projeto*, dedicada à psicopatologia da histeria:

[...] las histerias están sometidas a una compulsión que es ejercida por unas representaciones hiperintensas. Por ejemplo, em la conciencia emerge com particular frecuencia una representación sin que el decurso lo justifique; o el despertar de esta representación está acompañado por unas consecuencias psíquicas que no se comprenden (FREUD, 2001, p. 394)⁴².

No caso específico da histeria, a explicação dessas irrupções de conteúdos de memória pode ser explicada pela associação não consciente de uma vivência $B+A$, sendo que “ A era una circunstancia colateral, B era apta para operar aquel efecto permanente” (FREUD, 2001, p. 396)⁴³. Porém, na reprodução daquele evento, a lembrança se organiza como se A tivesse substituído B ; portanto, A se tornou o substituto, o símbolo de B . A partir disso, A se faz acompanhar de consequências que não lhe correspondem.

Por fim, como visto, as influências sob forma de aproximações ou distanciamentos entre as abordagens de Ribot e Freud sobre o tema da memória em particular e da concepção e do funcionamento do psiquismo em geral, consiste numa tarefa que merece ser aprofundada. Particularmente pela importância de reconhecermos a presença da neuropatologia francesa nos primórdios da teorização de Freud, que não se esgotaram, como sustentamos, no contato com Charcot. No entanto, entendemos que o panorama contribui para melhor reconhecermos o estatuto da memória e da consciência, além da fundamentação de uma outra explicação para diversos fenômenos que não encontravam nelas

⁴² Tradução dos autores: “[...] as histerias estão submetidas a uma compulsão que é exercida por umas representações hiperintensas. Por exemplo, na consciência emerge com particular frequência uma representação sem que o decurso o justifique; ou o despertar desta representação está acompanhado por consequências psíquicas que não se compreendem”.

⁴³ Tradução dos autores: “ A era uma circunstância colateral, B era apta para operar aquele efeito permanente”.

sua plena explicação, e que propiciaram a introdução de uma modalidade de funcionamento ou de uma instância inconsciente.

Referências

ANDERSSON, O. *Freud precursor de Freud*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. Originalmente publicado em 1962.

FREUD, S. *La afasia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987. Originalmente publicado em 1891.

FREUD, S. Proyecto de psicología. In: FREUD, S. *Obras completas: publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001. v. 1. Originalmente publicado em 1895.

FREZZATTI Jr., W. A. Nietzsche e Théodule Ribot: psicologia e superação da metafísica. *Natureza humana*, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000200007>. Acesso em: 8 maio 2014.

GAUCHET, M. *El inconsciente cerebral*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1994.

MAUDSLEY, H. *Physiologie de l'esprit*. Trad. Alexandre Herzen. Paris: C. Reinwald, 1879.

RIBOT, T. *Maladies de la mémoire*. Paris: F. Alcan, 1906.

Recebido: 31/01/2013

Received: 01/31/2013

Aprovado: 15/02/2014

Approved: 02/15/2014